

Maria Portes Santana

Campo de Sobrevivência

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes – UFMG

Belo Horizonte

2014

Maria Portes Santana

Campo de Sobrevivência

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado de Graduação
em Artes Visuais da Escola de Belas Artes –
Universidade Federal de Minas Gerais,
Habilitação em Desenho, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel
em Artes Visuais.

Orientadora: Patrícia de Paula Pereira

Co-Orientador: Rodrigo Borges Coelho

Escola de Belas Artes – UFMG

Belo Horizonte

2014

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pai e criador, causa primeira de tudo o que existe, pela oportunidade de passar pela vida, aprendendo e reaprendendo com todas as experiências do dia a dia.

À minha mãe Edileila, por ter me recebido enquanto filha e por ser meu alicerce de todos os dias. Agradeço ainda pelo sustento emocional nos momentos de dificuldade, e no caso deste trabalho, por me dar coragem para concretizá-lo, me orientando enquanto mãe-amiga e mãe-artista.

Ao meu pai Márcio (*in memorian*), que acompanhou o início da minha vida na graduação e que, agora, de outro lugar, recebe a minha homenagem neste trabalho.

À minha irmã Inês, por ser minha fonte de alegria, luz que irradia e ilumina a minha família.

Aos mestres da Escola de Belas Artes que me mostraram o universo do conhecimento: em especial à Lucia Gouvêa Pimentel, que acompanhou minha iniciação à pesquisa, mostrando-me caminhos pelos quais hoje me oriento; ao Rodrigo Borges Coelho, pelos anos dedicados ao ateliê de desenho, compartilhando conosco toda a sua sabedoria enquanto professor-artista; e à Patrícia de Paula Pereira, que além de estar ao meu lado quando recebi a notícia do falecimento do meu pai, se dispôs a orientar-me nesta pesquisa.

Agradeço também aos familiares, amigos e companheiros de jornada que estiveram, cada um de sua forma, ao meu lado em todos esses anos, e que hoje brindam comigo mais essa conquista.

A todos, o meu obrigada.

Pai,

*Fica aqui registrada a minha saudade,
e o meu carinho eterno por você.*

SUMÁRIO

RESUMO.....	01
APRESENTAÇÃO.....	03
1. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.....	05
1.1 MANOBRAS DA VIDA	06
1.2 QUANDO ELE NÃO MAIS ACORDOU.....	07
2. IMAGENS QUE PROLONGAM A VIDA.....	09
2.1 PASSAGEM.....	09
2.2 PAI E FILHA	10
2.3 ALBUM DE FAMÍLIA	25
3. O LUTO COMO MATÉRIA PRIMA PARA OS ARTISTAS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	39

IMAGENS

- Fig. 01.** Maria Portes, Passagem, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, (cada desenho), 2012, 2013.....p. 11
- Fig. 02.** Maria Portes, Passagem I – 10/05/1959, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013..... p. 12
- Fig. 03.** Maria Portes, Passagem II – 03/02/1964, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013..... p. 13
- Fig. 04.** Maria Portes, Passagem III – 13/08/1971, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013..... p. 14
- Fig. 05.** Maria Portes, Passagem IV – 25/11/1978, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.p. 15
- Fig. 06.** Maria Portes, Passagem V – 14/01/1975, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.....p. 16
- Fig. 07.** Maria Portes, Passagem VI – 25/09/1994, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.....p. 17
- Fig. 08.** Maria Portes, Passagem VII – 08/04/2012, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.....p. 18
- Fig. 09.** Maria Portes, Passagem VIII – 01/09/2012, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.....p. 19
- Fig. 10.** Maria Portes, Série: Pai e Filha, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, (cada desenho), 2013, 2014. p. 21
- Fig. 11.** Maria Portes, Pai e Filha I, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014..... p. 22
- Fig. 12.** Maria Portes, Pai e Filha II, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014..... p. 23
- Fig. 13.** Maria Portes, Pai e Filha III, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014..... p. 24
- Fig. 14.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 26
- Fig. 15.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 26
- Fig. 16.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 27
- Fig. 17.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 27
- Fig. 18.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 27
- Fig. 19.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 27
- Fig. 20.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 28
- Fig. 21.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 28
- Fig. 22.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 28
- Fig. 23.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 29

- Fig. 24.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 29
- Fig. 25.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 30
- Fig. 26.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 30
- Fig. 27.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 30
- Fig. 28.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 31
- Fig. 29.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 31
- Fig. 30.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 31
- Fig. 31.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 32
- Fig. 32.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 32
- Fig. 33.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 33
- Fig. 34.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 33
- Fig. 35.** Maria Portes, Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014..... p. 33
- Fig. 36.** Maria Portes, Álbum de Família, 2014..... p. 34
- Fig. 37.** Maria Portes, Álbum de Família, 2014..... p. 34

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida a estreita relação que mantenho entre minhas histórias e minhas memórias por perceber que a complexidade que envolve as questões do fazer artístico, é a mesma que os potencializa.

O embrião de pesquisa que compõe tal trabalho veio do luto pelo qual passei com o falecimento do meu pai, em setembro de 2012. Desde então, venho produzindo desenhos a partir de uma coletânea de fotografias e desenvolvendo ideias que envolvem o estado de luto - momento pelo qual todos nós estamos sujeitos a passar um dia, mais cedo ou mais tarde - e, a necessidade que os envolvidos desenvolvem de compartilhar as sensações trazidas pela perda.

Dessa forma, o trabalho se desenrola a partir de investigações e reflexões desenvolvidas por mim e sustentadas pelas falas de autores que abordam o tema. Aparecem também, exemplos de artistas que, ao longo da história da arte, fizeram de suas perdas, ponto de partida para suas criações.

Em meio a estas reflexões encontra-se a minha história, as minhas memórias e a minha saudade, manifestadas em forma de produção estética.

Palavras-chave: desenho; fotografia; luto; memória; história.

Pedaço de Mim

(Chico Buarque)

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar*

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais*

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu*

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi*

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus*

APRESENTAÇÃO

Com o tempo, percebemos que às vezes a arte quer ser a vida, mas a vida simplesmente é o grande espaço que abraça a arte, ela está muito acima da arte, ela é a grande arte da qual nos alimentamos.

O tempo passa rapidamente e fazer arte pode ser uma forma de encarar esse mesmo tempo, que nos mantém e devora.

(FRANCA-HUCHET, 2011)

Nossas reações frente aos acontecimentos da vida são como impulsos que movem os questionamentos, as reflexões, as investigações e que nos trazem possibilidades de articular trabalhos, explorando o significado de tudo o que está ao nosso redor, no nosso dia a dia.

É neste sentido, que trago para este trabalho, o fruto da estreita relação que mantenho entre minhas histórias e minhas memórias uma vez que percebo que a complexidade que envolve as relações com o fazer artístico, é a mesma que as potencializa.

Esse fazer artístico é que me tornou possível transitar pelas minhas histórias, resgatar minhas memórias, construir meus significados e vislumbrar um “Campo de Sobrevida” para o que de alguma forma nunca morreria: a imagem que vive dentro de mim.

O processo que fez do luto matéria-prima para este trabalho teve início em 2012, após conviver com um pai que acabava de descobrir um sarcoma pulmonar em estágio já avançado e via sua vida indo embora aos poucos. Após dolorosos meses acompanhando a história, veio o seu falecimento e, em seguida, os meus desenhos.

Naquele momento, criar era uma forma de dividir o meu sentimento em relação ao que acabara de acontecer, sem necessariamente precisar usar o verbo. Procurar suas fotografias e observá-las, uma a uma, era paradoxal: um misto de dor e prazer. Afinal, estava diante de papéis que continham memórias de um pai que já não estava mais ali, materialmente presente e me deparava com informações visuais que o olhar humano

não mais poderia captar. No entanto, essas informações visuais eram capazes de me fazer reviver emoções como testemunhas de um recente passado.

Decidi refazer os momentos testemunhados pelas fotografias sob o meu controle. Afinal, através do desenho, poderia ser fiel ou não às formas físicas, às cores, ao tempo, à própria história e memória contidas ali. Era possível ainda, inverter, revelar, inventar e voltar ao passado, reconstruindo tais imagens. Nesse caso, observava “a essência da memória” que, na tradução de Franca-Huchet seria “a convivência com imagens que, fora de nós, não existem mais” (FRANCA-HUCHET, 2011, p.29).

Essas mesmas fotografias foram usadas, portanto, como referências visuais para produzir novas imagens, enxergando na Arte, uma possibilidade de “prolongar a vida”: reproduzi-las me trouxe o conforto da permanência.

Um “Campo de Sobrevivência” para aquelas imagens se formou, então, naquele momento. Surge, assim, a primeira fase do trabalho que denominei de “Passagem”; em seguida, “Pai e Filha”; e, por último, “Álbum de Família”, descritos adiante.

1. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

“Ouvir histórias de vida é poder compartilhar o gosto que tudo isto deixou na memória de pessoas que realmente viveram esta experiência”.

(GOMES, 1988.)

Voltar ao passado e revivê-lo só é possível através das histórias e memórias. Fica clara a sua importância quando entendemos que muito do que se sabe sobre tempos remotos se deve à história e sua relação com a memória.

(...) a memória exerce um papel fundamental no processo psicológico: permite a relação do corpo presente com o passado e é através da memória que o passado surge e se mistura com as percepções atuais e as faz ocupar o espaço. (SANTOS Apud BÚRIGO 2008, p. 23).

É uma relação de troca em que a história depende da memória e a memória pode ser compartilhada através da história. Sendo assim, a memória é o meio pelo qual o indivíduo regressa a seu passado atribuindo sentidos, reinterpretando e reconstituindo acontecimentos, resgatando lembranças e construindo percepções: são esses alguns dos caminhos que vários artistas podem percorrer, ao longo dos tempos, para a produção dos seus trabalhos.

E são essas produções que compactuam com a dinâmica da continuidade da vida, em que estamos submetidos. É a necessidade de construir um “Campo de Sobrevivência” a todo o momento, principalmente quando as tais lembranças são de momentos com as pessoas que já se foram. Halbwachs ao escrever sobre memória, afirma que “quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter, por mais que pareçam resultados de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória”. (HALBWACHS Apud MARASCHI, 2006, p. 40).

Se as nossas percepções atuais são frutos das vivências de outrora, podemos considerar que essa relação entre o que se perde e o que se cria ao resgatar as

histórias e as memórias, o passado e o presente, é manifestação de caráter temporal no que se refere à manutenção do que consideramos forte o suficiente para não ser esquecido.

Dessa forma, compartilhar as imagens que vivem dentro de mim, idealizando esse “Campo de Sobrevivência” através dos desenhos foi, apropriando-me de Pires (2010) para descrever tal sentimento, “caminhar no fio da navalha entre o umbigo e a dor universal do desaparecimento de quem se ama” (PIRES, 2010, p.193), mas garantindo que as lembranças fossem consultadas e compartilhadas.

1.1 MANOBRAS DA VIDA

Morando em cidades diferentes e distantes entre si, desde os dez anos de idade, eu e meu pai costumávamos nos encontrar durante as férias quando eu ia para a cidade em que ele morava. Passávamos dias juntos, horas conversando e colocando todos os acontecimentos do ano em dia. Discutíamos sobre a vida, os livros lidos e os ainda por ler, as descobertas, as variadas línguas, as diversas comidas experimentadas e as que ainda seriam, e todos os assuntos comuns entre nós.

Não éramos do tipo que conversávamos sempre, e já chegamos a ficar semanas sem dar notícias um para o outro. Mas as férias chegavam novamente e as conversas interrompidas eram retomadas, naturalmente.

Assim aconteceu durante anos, enquanto víamos nossas vidas passarem. Ele mantinha sua rotina interiorana, eu crescia e conquistava os espaços de transição: infância - adolescência - vida adulta. Nesse tempo, mudei-me para uma cidade maior (e mais distante ainda do meu pai) para cursar a graduação e, ele, de longe, acompanhava tal trajetória.

Com a distância em maior escala, com as novidades diárias de uma vida nova, em um lugar diferente, convivendo com pessoas diferentes e um mundo de conhecimentos se abrindo, adquirimos o costume de nos falar mais vezes. Tornamo-nos, paradoxalmente mais próximos.

Um dia, em uma dessas conversas, ele confessou que há um tempo vinha apresentando um quadro insistente de febre baixa e dores nas articulações. Procuramos ajuda médica, mas o quadro se manteve por meses e, com o tempo, se agravou.

Após mais uma bateria de exames, foi revelado um sarcoma pulmonar em estágio já avançado. Foram dias temíveis e angustiantes, decisões difíceis, e aquela sensação de perda do controle da vida e do tempo. Um tratamento quimioterápico durou por cerca de cinco meses.

1.2 QUANDO ELE NÃO MAIS ACORDOU

“Quando tudo cessa, diz a voz que tem origem na larga eternidade de nada sentir, nada provar, nada tocar, ver e ouvir, não há diferença entre a morte tranquila, durante o sono, de Chaplin e o corpo suplicado de Pasolini. Tanto faz, diz a mãe, nesse louco planeta que agora, para você, gira sem mim.”

(AZEVEDO Apud PIRES 2010).

Seu estado de saúde se complicava: comer, beber, respirar, andar e deitar eram obstáculos que se tornavam maiores a cada raiar do dia. E tais atividades, essenciais para a manutenção da vida, venceram a força física que os realizava.

Em nosso último encontro, consciente de sua situação, meu pai chegou a me pedir para que eu não me revoltasse caso acontecesse algo fora dos planos, caso ele não conseguisse mais lutar contra a doença. Foi uma visita difícil, eram trocas intensas de olhares e cuidados.

Sua última fotografia foi tirada nesse mesmo dia. Ele pediu-me para fotografá-lo na esperança de que eu pudesse buscar tratamentos alternativos para o seu caso. Fotografei, conversei, abracei, dei força e me despedi.

Seu quarto era o último de um longo corredor. Lembro que ao terminar de atravessá-lo, olhei para trás para um último adeus, fitei seus olhos e dei um sorriso: foi o nosso último encontro.

Alguns dias depois, uma madrugada - antecessora de mais um dia de tratamento quimioterápico - se prolongou para meu pai que, na manhã seguinte, não mais acordou.

A essa altura, já havia voltado para a cidade onde estudava. Recebi a notícia através de uma ligação. No momento foi difícil processar o que estava acontecendo, o estado de choque fez, por instante, com que perdesse um pouco da lucidez. Do celular liguei para ele. Escutei a chamada sendo encaminhada para a caixa de mensagens e tomei ciência de qual era a nova realidade: ele não mais atenderia. Era a vida que mais uma vez vi passar.

Um misto de dor, angústia, vazio e saudade me acompanharam de volta para a casa, e permaneceram nos dias que se sucederam. Perder de forma irrevogável alguém que se ama é uma experiência que demanda tempo para compreender o estado de luto. “Escrito em 1915 e publicado pela primeira vez em 1917, *Luto e Melancolia* descreve o que decorre da reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal”. (PIRES, 2010, p.194).

E foram essas memórias que tornaram possível passar pelo estado de luto revisitando histórias, criando imagens, prolongando a vida e a nossa história.

2. IMAGENS QUE PROLONGAM A VIDA

(...) “*parece-me que faço arte para esquecer,
mas fazendo, me lembro*”.

(FRANCA-HUCHET, 2011)

Dentre as possibilidades que a Arte nos oferece, portanto, está a de poder manifestar por meio da produção estética as questões que envolvem o descobrir e o descobrir-se. O artista aprende a aguçar suas percepções e transformá-las em produções, aprende o limite entre o real e a ficção, o visível e o invisível, a história e a memória, o prazer e a dor, a presença e a ausência, a vida e a morte.

A necessidade de reagir frente aos acontecimentos já descritos, questionando, refletindo e investigando, somados à possibilidade de exteriorizá-los e compartilhá-los, foi o que inspirou a primeira fase do trabalho que denomino “*Passagem*”.

2.1 PASSAGEM

A idealização deste trabalho teve como ponto de partida a procura por fotografias nos arquivos pessoais da minha família. Foram semanas em busca de imagens que retratassem a figura do meu pai - desde a sua infância até os últimos dias como encarnado. Nesse sentido, Barthes (1984) afirma que a fotografia “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. (BARTHES, 1984, p.13).

Das opções encontradas, oito imagens foram suficientes para servirem como referência visual dos desenhos que comporiam esta primeira fase. Em seguida, as fotografias já digitalizadas tiveram suas áreas de luz e sombra estudadas, mapeadas e, então, os desenhos a punho foram feitos.

A experiência de Herzog (2011) corrobora a nossa intenção neste trabalho. Para ela, os desenhos são “vestígios da mão, das lembranças que aparecem como riscos, traços e palavras”. (HERZOG, 2011, p.17). Nesse sentido, os desenhos elaborados por mim se

unem às memórias e às histórias, trazendo significados à minha nova história. Desenhar, então, me retroalimentava.

Cada um dos oito desenhos se enquadra no tamanho A3 e são releituras das referências fotográficas, em manchas de pastel seco, nas cores cinza, branco, preto, marrom e terra. Estão distribuídos em linha cronológica de tempo, com média de intervalo entre eles de cinco a dez anos - que começa retratando os seis anos de idade do meu pai, depois sua adolescência e a fase adulta.

Os dois últimos desenhos, porém, têm intervalo de cinco meses entre si e remetem aos cinco meses de tratamento pelo qual ele passou. Aqui, tive a intenção de mostrar a consequência física do tratamento: a mudança de uma foto para a outra parece ter o mesmo intervalo de cinco a dez anos que os outros desenhos.

O último desenho desta série foi feito baseado na referência visual de uma foto tirada por mim, no último dia em que vi meu pai - pouco antes do falecimento. A sucessão de desenhos intenta mostrar dessa forma, a *Passagem* do tempo, a *Passagem* da vida e do personagem pela vida, a *Passagem* dos anos pelo envelhecimento natural e dos meses pelo envelhecimento causado por uma doença.

As datas que acompanham o título fazem referência aos intervalos citados, situando-nos: *Passagem I* - 10/05/1959; *Passagem II* - 03/02/1964; *Passagem III* - 13/08/1971; *Passagem IV* - 25/11/1978; *Passagem V* - 14/01/1985; *Passagem VI* - 25/09/1994; *Passagem VII* - 08/04/2012; *Passagem VIII* - 01/09/2012.

A escolha da técnica partiu da opção de construir as imagens por meio de manchas que pudessem revelar a figura com o exercício do nosso olhar, de forma discreta. Foi uma forma encontrada para sustentar a sensação de que a privacidade da imagem física dele seria respeitada, considerando sua natureza tímida. O pastel seco, neste caso, por conter um pó que se adere ao papel de acordo com a força e movimento aplicados pelos dedos (podendo manter as cores em seus lugares e as sobrepor quando necessário) foi uma alternativa que fez o desenho ganhar em materialidade e beleza. São, enfim, composições de luz e sombra feitas a partir das cores cinza, branco,

preto, marrom e terra que traduzem sua idade, condição física e compactuam com a história e memória presentes ali.



Fig. 01. Série: Passagem, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, (cada desenho), 2012, 2013.



Fig. 02. Passagem I – 10/05/1959, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.



Fig. 03. Passagem II – 03/02/1964, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.



Fig. 04. Passagem III – 13/08/1971, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.



Fig. 05. Passagem IV – 25/11/1978, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.



Fig. 06. Passagem V – 14/01/1975, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.



Fig. 07. Passagem VI – 25/09/1994, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.



Fig. 08. Passagem VII – 08/04/2012, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.



Fig. 09. Passagem VIII – 01/09/2012, pastel seco sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2012.

Envolvida pelo mesmo processo de criação e atendendo à saudade que insistia em dar o ar da graça à medida que as fotografias em família eram encontradas, a segunda fase do trabalho aconteceu.

2.2 PAI E FILHA

Rever as cenas entre pai e filha foi cruzar o ponto de encontro, a linha limítrofe entre a presença do sentimento eterno que nos une e a ausência física que nos separa. Reconstruir as cenas em família foi atender a necessidade de se desfazer do sentimento de luto e também compartilhar com o mundo os momentos que fizeram parte da história de nós dois e que agora vivem na minha memória. O trabalho onde são reconstruídas as cenas entre os dois personagens foi denominado “*Pai e Filha*”.

Pois a imobilidade da foto é como o resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: O real e o vivo: ao atestar que o objeto foi real, ela induz sub-repticiamente a acreditar que ele está vivo, por causa desse logro que nos faz atribuir ao real, um valor absolutamente superior, como que eterno; mas ao deportar esse real para o passado (“isso foi”), ela sugere que ele está morto (BARTHES, 1984, p.118).

Três fotografias encontradas no meu arquivo foram escolhidas para servirem como referência visual do que seria desenhado. O processo foi o mesmo da primeira fase: houve a digitalização, o estudo e o mapeamento das áreas de luz, sombra e, em seguida, os desenhos a punho. Três momentos de interação entre os dois personagens, numa época em que ainda morávamos juntos são, então, percebidos na seguinte sucessão de tempo: a filha com um mês de vida no primeiro desenho, cinco meses no segundo, e nove meses no terceiro - todos em tamanho A2.

As manchas em pastel seco continuam sendo a técnica utilizada, pois a intenção ainda é a de revelar as figuras/cenas através do exercício do nosso olhar, de forma discreta e respeitando, mais uma vez, a privacidade física dos personagens representados nos desenhos.

Nesse trabalho, as composições de luz e sombra são feitas a partir de uma paleta mais extensa de cores: primárias, secundárias e terciárias. “A forma e a cor harmonizam-se

para criar o quadro segundo o princípio da necessidade interior” (KANDINSKY, 2010, p.13). A intenção é que “*Pai e Filha I*”, “*Pai e Filha II*”, e “*Pai e Filha III*” transcendam o caráter fúnebre e ganhe em vida ao evocar a história e a memória que ali habitam.



Fig. 10. Série: Pai e Filha, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, (cada desenho), 2013, 2014.



Fig. 11. Pai e Filha I, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014.

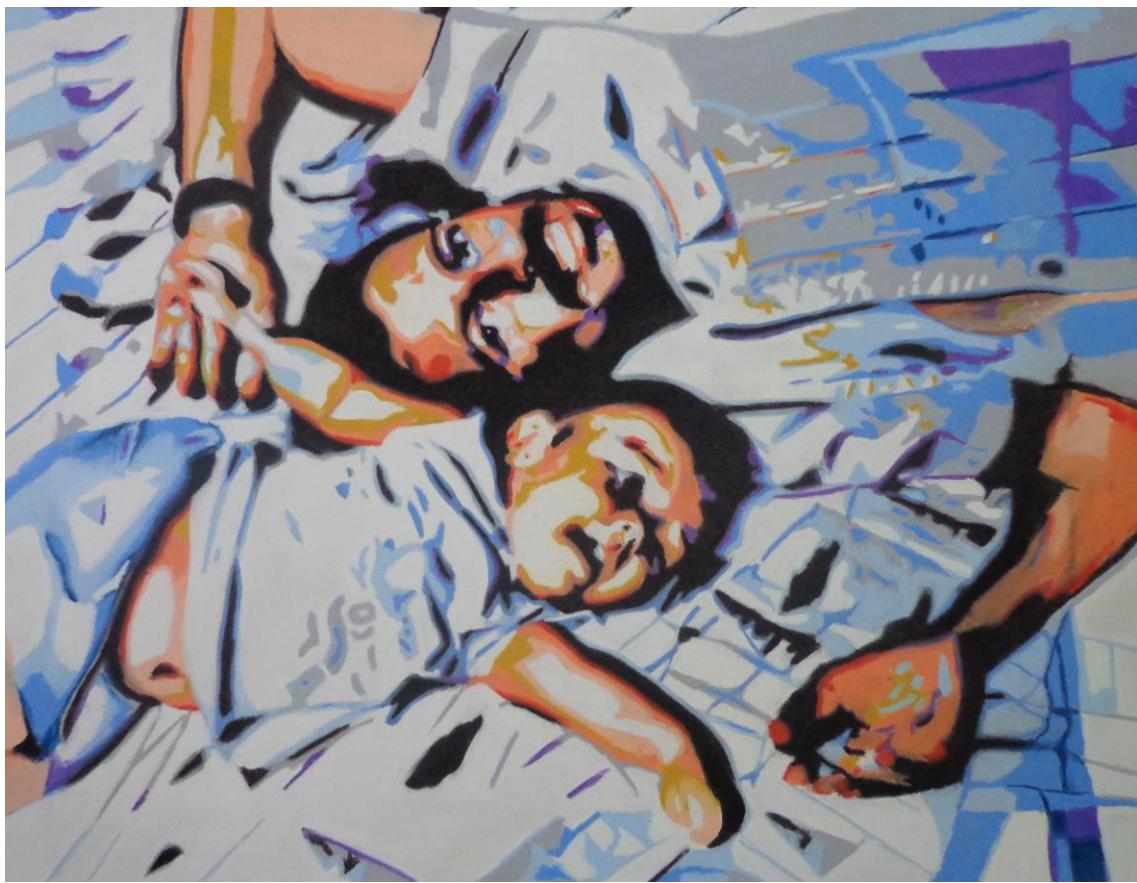


Fig. 12. Pai e Filha II, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014.



Fig. 13. Pai e Filha III, pastel seco sobre papel, 50 cm x 65 cm, 2013, 2014.

Ainda impregnada desse momento, chego à terceira fase do trabalho que ganha agora, o espaço tridimensional, apresentando-se como um álbum de fotografias, denominado “Álbum de Família”.

2.3 ÁLBUM DE FAMÍLIA

Esta fase trata-se, assim, de uma coletânea de fotografias da família aqui tratada, em que outros personagens, por vezes aparecem: a minha mãe e a minha irmã, a mãe e os irmãos do meu pai, seus amigos e outros personagens que fizeram parte da sua história e, hoje, fazem parte das minhas memórias.

As fotografias coletadas são parte do arquivo da família: filha, pai, mãe, irmã e avó. Algumas são as mesmas usadas como referência visual para as duas primeiras fases deste trabalho e foram impressas em preto e branco para serem repensadas, relidas, reescritas, ressignificadas, enfim, redesenhadas, recriadas. Ainda uma vez é em Kandinsky (2000) que me apoio para fundamentar a minha intenção: “Toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes mãe dos nossos sentimentos” (Kandinsky, 2000, p.27).

No caso deste trabalho, a opção foi fazer interferências com o pastel seco por cima das impressões, deixando em algumas a tinta da impressão aparecer, contrastando assim com as cores do pastel que, por vezes, aparecem espalhadas pelas fotos; outras estão apenas compondo o fundo, ou ainda modelando os personagens. A paleta de cores varia de acordo com a foto e a situação registrada do objeto, dos personagens e dos lugares.

A opção foi conseguir álbuns que não fossem novos e que já carregassem consigo uma história: são doações da minha família, que guardavam ali as suas fotos e que me proporcionaram guardar as minhas. Algumas fotografias que estavam no álbum também foram selecionadas para compor a série que sofreria as interferências feitas por mim. São trocas de relações implícitas que também chegarão ao espectador de forma implícita, uma vez que ele não saberá da procedência do álbum, porém, ao

manuseá-lo, verá que não é um objeto novo. Penso, intuitivamente, que também perceberá que ali já foram guardadas várias outras histórias e várias outras memórias.

Essa etapa encerra o processo momentaneamente, uma vez que o trabalho tem liberdade para desdobrar-se no futuro em outros momentos, em outras histórias, em outras memórias e em outros desenhos.



Fig. 14, 15. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.



Fig. 16, 17. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.



Fig. 18, 19. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.



Fig. 20, 21. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.

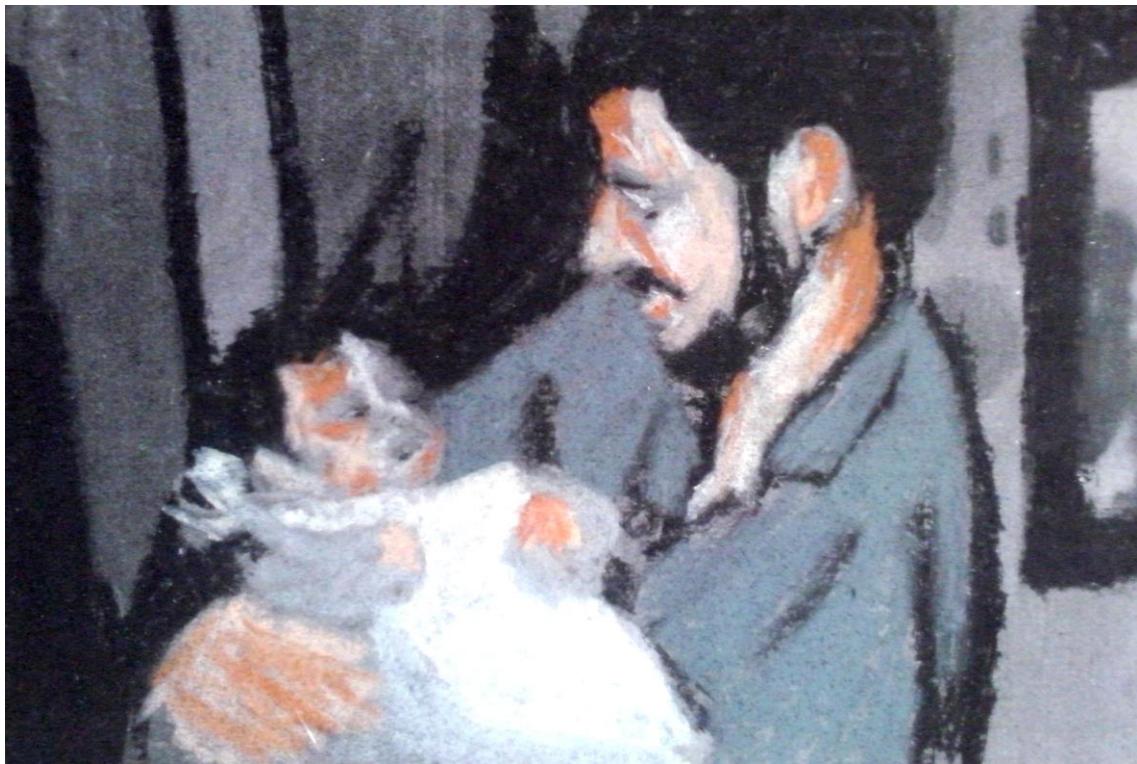


Fig. 22. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 23. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 24. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 25. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 26, 27. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.



Fig. 28, 29. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.



Fig. 30. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 31. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.

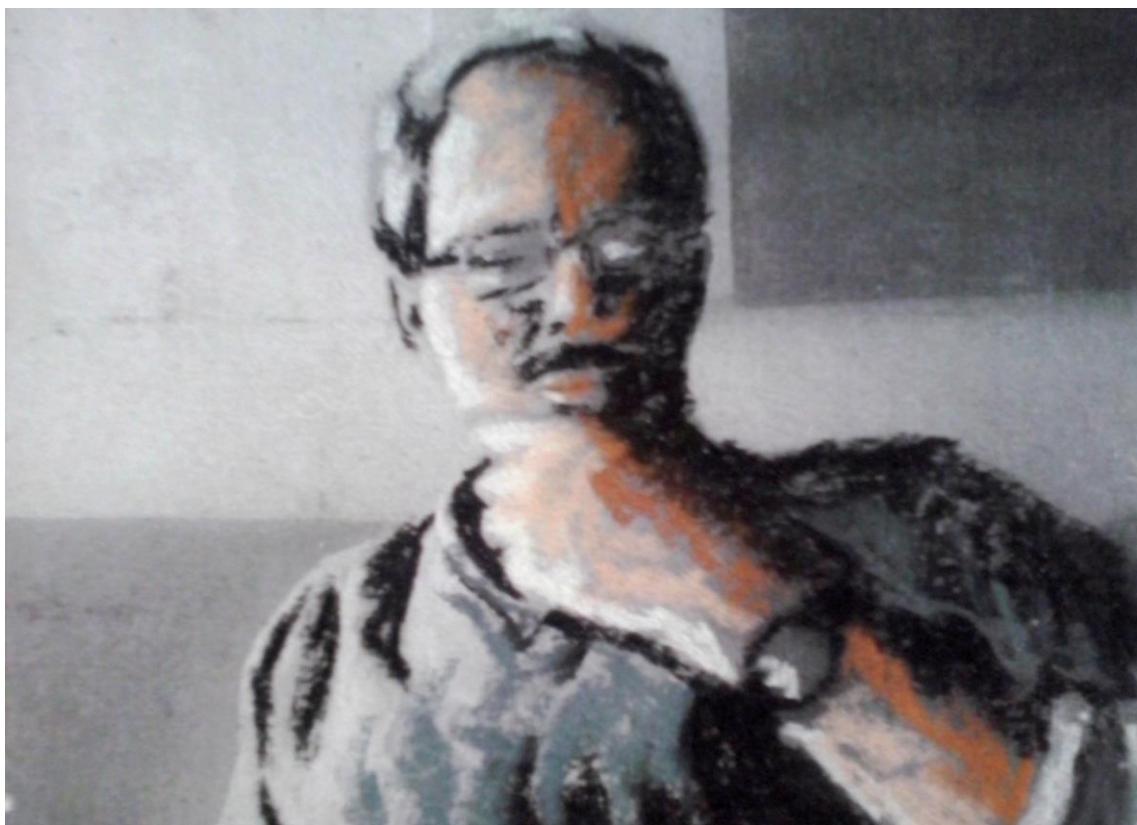


Fig. 32. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 33. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm, 2014.



Fig. 34, 35. Álbum de Família, pastel seco sobre impressão, 8 cm x 12 cm (cada desenho) 2014.

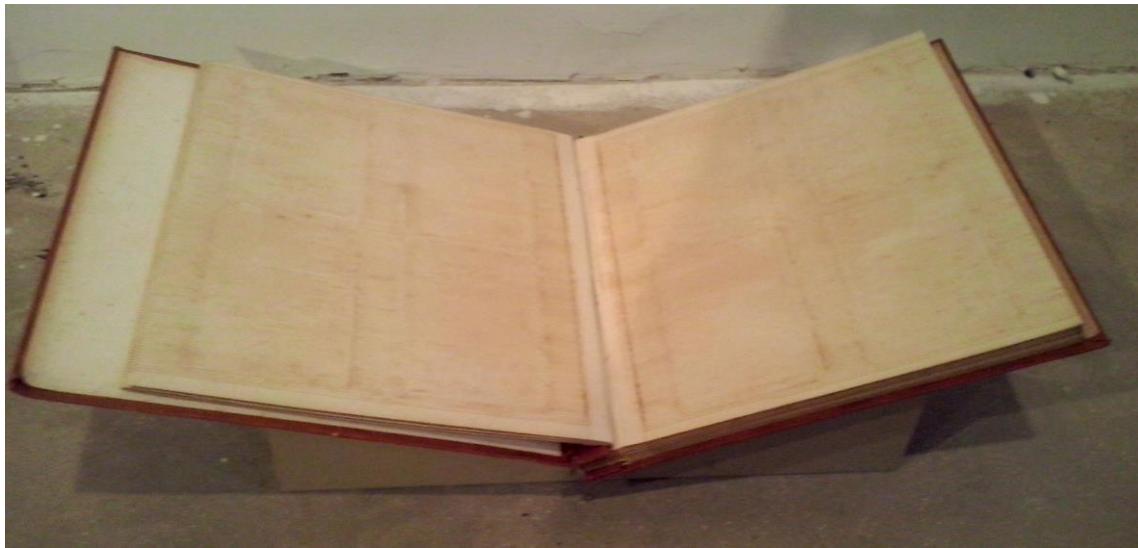


Fig. 36. Álbum de Família, 2014.



Fig. 37. Álbum de Família, 2014.

3. O LUTO E OS ARTISTAS

"A perda, para o artista, é o ponto de partida para uma obra exigente: caminha-se no fio do próprio umbigo e daquele ponto, tão almejado e pouco alcançado, em que o mais particular e o mais geral esticam a corda que divide a autoexpressão pura e simples da criação artística, o depoimento bruto da escrita meditada."

(PIRES, 2010)

Ao longo da história da Arte encontramos vários artistas que trataram desse mesmo tema. Envolvidos pela dor de suas perdas e sustentados pelo laboratório da vida, transformaram o luto em embrião de pesquisa. Pires (2010) em seu artigo *A arte de perder* corrobora com essa minha percepção.

As fotografias de Annie Leibovitz narrando a morte de Susan Sontag, a publicação póstuma do Diário do luto, de Roland Barthes e o longo poema "H", de Carlito Azevedo, poderiam ter como epígrafe a reflexão de Sigmund Freud em *Considerações Atuais* sobre a guerra e a morte, de 1910: "Se queres aguentar a vida, prepara-te para a morte". (PIRES, 2010, p.194)

São trabalhos que trazem a relação dos artistas citados com a perda de seus entes queridos. É a natural reação do que se cria a partir do que se perde. É a necessidade de exteriorizar o que no momento é inexplicável: a dor exige e o artista, então, produz.

Annie Leibovitz ao receber a notícia de que a sua companheira Susan Sontag havia falecido, foi até o hospital para despedir-se. No entanto, ao chegar ate o local, pegou a sua câmera e fotografou o corpo deitado na cama.

Suponho que em situações assim a gente se agarra ao que melhor conhece para não enlouquecer. E a verdade é que me alegra de haver feito aquelas fotos, me ajudaram muito a superar sua perda quando me atrevi a vê-las depois. (LEIBOVITZ, 2012).

Ao produzir, o artista desafia o que é público e privado, estabelece uma remontagem da vida e cria o seu universo particular de sentidos.

Tanto na publicação de *A Câmara Clara* (1984), quanto na publicação póstuma de *O Diário do Luto* (2009), Roland Barthes trata do falecimento de sua mãe, expressando

sua dor pelo desaparecimento da figura maternal, desabafando o que lhe acontecera e registrando suas emoções.

Se, como disseram tantos filósofos, a Morte é a dura vitória da espécie, se o particular morre para a satisfação do universal, se, após ter-se reproduzido como outro que não ele próprio, o indivíduo morre, tendo assim se negado e se superado, eu, que não procriaria, eu tinha, em sua própria enfermidade, engendrado minha mãe. (BARTHES, 1984, p.108).

Carlito Azevedo trouxe uma similar reflexão em seu poema *H*, publicado em *Monodrama*, no ano de 2009. Ele fala de sua relação com a mãe, mergulhando em seu íntimo e exteriorizando como foi receber a notícia do seu falecimento trazendo, ainda, os pensamentos contraditórios que passaram a acompanhá-lo: era consolador saber que agora ela descansaria, e temeroso pensar em sua ausência daí em diante. O medo de não conseguir sobreviver sem ela era grande.

Ao optar por um tema tão intimamente ligado ao envolvimento emocional, e que normalmente tem relação com o pessoal, o artista assume o rompimento de sua privacidade e se torna sujeito de eventos fortuitos.

A artista francesa Sophie Calle, por exemplo, documentou e compartilhou inúmeros momentos da intimidade de terceiros e da sua própria. São experiências organizadas pela artista, muitas vezes premeditadas que nem sempre, no entanto, condizem com a verdade. A ficção aparece em suas histórias, onde o objetivo é viver e fazer arte.

Em uma dessas experiências, após receber a notícia dos médicos de que sua mãe tinha mais um mês de vida, Calle colocou uma câmera na cabeceira da cama e registrou em vídeo os últimos instantes de vida da sua mãe. Após ser indagada sobre o assunto pela Folha de S. Paulo em setembro de 2008, ela completou:

Publiquei um texto em todos os jornais para anunciar sua morte. Robert Storr [curador] me propôs expor esse texto e as imagens em vídeo na Bienal. Eu disse: "Sinto muito. Gostaria de fazer algo sobre a morte da minha mãe, mas não estou pronta". Ele insistiu. Justamente por não ser capaz de assistir aos filmes, só vi um, o último. O projeto saiu assim, com esse texto e com minha incapacidade de ver os outros filmes. Foi uma homenagem... Se ela tivesse morrido com convulsões, eu nunca mostraria, mas ela morreu magnífica. Levá-la a Veneza deixou muita gente horrorizada. Recebi cartas com insultos,

mas a maior parte dessas pessoas nem sequer viu o trabalho. (CALLE, 2008).

Atormentados pela experiência da perda, talvez um dos sentidos para se sujeitar a esse tipo de exposição, esteja ligado a uma tentativa de combater o esquecimento e preservar as memórias. “Escrever para lembrar? Não para lembrar, mas para combater o dilaceramento do esquecimento na medida em que ele se anuncia, absoluto. Em breve, o ‘nem sombra de’, em nenhum lugar, em ninguém”. (CALLE Apud PIRES, 2010, p.198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envolvidos pelos acontecimentos que nos surpreendem, apoiados pelo laboratório da vida onde experimentamos com a possibilidade de questionar, refletir, investigar, criar e recriar, viver e reviver, exploramos os significados que nos movem através da articulação de produções estéticas.

A história e a memória são os meios pelos quais podemos reviver situações, atribuindo sentidos, reinterpretando, reconstituindo lembranças, e construindo novos significados e novas formas de descobrir e descobrir-se, como sugere a reflexão trazida pelo texto.

Trouxe neste trabalho a fotografia como uma aliada dessas questões, uma vez que atesta os acontecimentos e compactua com a história e com a memória, ambas representadas através da imobilidade do tempo no papel. Por sua vez, o desenho trouxe o conforto da criação, possibilitando a manifestação dos seus sentidos e da sua forma de reinterpretar.

As produções, dessa forma, advindas dessas reflexões, compactuaram com a dinâmica da vida - que exige uma continuidade - e me trouxeram o conforto da permanência do objeto que não quero esquecer.

A necessidade de construir esse “Campo de Sobrevivência”, traduzido neste trabalho, nasceu dessas questões e se firmou na tentativa de combater o esquecimento e preservar as memórias.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Rodrigo da C. *Diário de Luto de Roland Barthes ou a escrita do fragmento.*

Disponível em:

< http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2564-2576.pdf>. Acesso em:

18/04/2014.

AZEVEDO, Carlito. *Monodrama*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BÚRIGO, Tania Bernadete Serafim. *Grupo Escolar Professor Padre Schuller: Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina*. Criciúma: UNESC – PPGE, 2008.

CALLE, Sophie. Entrevista. Disponível em:

www.youtube.com/watch?v=bHItF3FvB2M. Acesso em: 18/04/2014.

FRANCA-HUCHET, P.D. *Depoimento para o circuito atelier*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HERZOG, Vivian. *Desenho: reservatório de vestígios*. Porto Alegre: UFGRS, Instituto de Artes, 2011.

HUPE, Ana Luiza. *O uso da fotografia em práticas artísticas de Sophie Calle*. Rio de Janeiro: ArtUERJ, 2009.

KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEDESMA, Vilma. Susan Sontag por Annie Leibovitz. Disponível em: <viledesm.blogspot.com.br/2012/03/susan-sontag-por-annie-leibovitz>. Acesso em: 18/04/2014.

LEIBOVITZ, Annie. *Life Through a Lens*. Disponível em:

<www.youtube.com/watch?v=ZEjho8I8XBY>. Acesso em: 18/04/2014.

LONGMAN, Gabriela. *Minha vida é só o ponto de partida*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2008.

MARASCHI, Kátia. *A construção/reconstrução de identidades no contexto migratório: a narrativa de dirigentes imigrantes na cidade de Pomerode*. Biguaçu: Univali, 2006.

PIRES, Paulo Roberto. *A arte de perder*. São Paulo: Ipsilon Gráfica e Editora, 2010.